

Dois olhares da história literária brasileira

Andréia Guerini*

Introdução

O historiador e crítico Otto Maria Carpeaux, no primeiro volume de sua *História da literatura ocidental*, observa que a história literária tal como a conhecemos é um termo recente que surgiu no período pré-romântico, pois os antigos nunca pensaram em organizar panoramas históricos das suas literaturas. Só na época da decadência das letras e da civilização é que houve o interesse de organizar relações de livros ou então compor dicionários de citações e antologias de resumos, para assim salvar os tesouros literários do passado da destruição dos bárbaros.

Foi Quintiliano (35-95 d. C.), professor de Língua e Retórica, no décimo livro da *Institutio oratoria*, o primeiro a inserir uma apreciação sumária dos principais autores gregos e latinos, estabelecendo assim uma tábua de valores sem ter escrito uma história literária. Contudo, sempre existiram pessoas que organizaram fichários e boa parte da literatura antiga só chegou a sobreviver graças ao zelo dessas figuras. No século XVI, com a enorme acumulação de conhecimentos clássicos, produziram-se bibliografias sistemáticas. E no período barroco, os eruditos preferiram aos dicionários biobibliográficos as “enciclopédias críticas”. Nessa época, começam-se a compor histórias das literaturas modernas, ou seja, coleções imensas, enciclopédias, reunindo datas e fatos. No século XVIII ainda não temos, de acordo com Carpeaux, história literária no sentido que entendemos hoje, pois falta senso crítico. Porém, a ligação entre história e crítica veio do pré-romantismo, com o seu forte interesse pelas tradições históricas das nações modernas e pela apreciação crítica de épocas meio esquecidas. O fundador da história literária autônoma é o alemão Herder (1744-1803) que, nas

* UFSC.

palavras de Carpeaux, foi o primeiro a dar exemplo de crítica criadora. O registro dos livros é substituído então pela história das obras e das idéias. Muitos historiadores destacaram-se nesse período como o italiano Francesco de Sanctis, o qual soube excluir o anacronismo e transformar a "história dos movimentos" em histórias de idéias; os franceses Abel-François Villemain, que se distinguiu por tentar compreender a literatura como resultado das mesmas forças históricas que também determinaram as expressões políticas e artísticas da nação; Sainte-Beuve, que criou a "crítica universitária"; Taine, imbuído de idéias herderianas e hegelianas; Ferdinand Brunetière, que combinou na sua história literária a explicação claríssima com a eloquência de um grande orador universitário e enfim, Gustave Lanson, que reuniu a crítica pessoal de Sainte-Beuve ao cientificismo de Taine e Brunetière e assim na sua história literária tomou do positivismo a disposição cronológica; de Brunetière, o estudo separado dos gêneros dentro das épocas sumariamente delineadas; da crítica professoral, a composição dos capítulos com pequenos ensaios monográficos sobre os escritores mais importantes. Este é, de acordo com Carpeaux, o tipo de história literária que conhecemos, dando como resultado uma síntese de narração cronológica, evolução dos gêneros e ensaio monográfico.¹

É esse tipo de história literária que, *grosso modo*, podemos verificar tanto na *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi quanto na *História da literatura brasileira*, da italiana Luciana Stegagno-Picchio.

Apesar de serem histórias literárias à moda Lanson, como diria Carpeaux, convém destacar que ambas convergem e divergem em alguns aspectos, e é isso que passaremos a analisar, pois o objetivo central desse trabalho é cotejar alguns aspectos relevantes de ambas, verificando as semelhanças e as diferenças, bem com o método de trabalho desses autores em suas respectivas histórias literárias. Antes, porém, situaremos brevemente esses autores.

Dois historiadores

Alfredo Bosi é professor, crítico e historiador da literatura. Formou-se em letras neolatinas pela Universidade de São Paulo, onde atualmente ensina literatura brasileira e também é diretor do Instituto de Estudos Avançados. Estudou filosofia da Renascença e

¹ Para informações mais detalhadas sobre a evolução da historiografia literária, ver a Introdução de Carpeaux ao primeiro volume da sua *História da literatura ocidental*.

estética na Universidade de Florença. Escreveu vários ensaios e livros, dentre os quais citamos: *O ser e o tempo da poesia*, de 1977, *Dialética da colonização* (1992) e *O enigma do olhar* (1999). A sua *História concisa da literatura brasileira* foi publicada em 1970. De lá para cá, passou por várias reedições e é uma referência obrigatória nas universidades e escolas em geral, ou como afirmou Davi Arrigucci Jr. "manual indispensável a todo o estudioso de nossas letras".

Luciana Stegagno-Picchio nasceu em Alesandria, Piemonte (Itália), é filóloga, professora de literaturas românicas e há anos se dedica a trabalhos que dizem respeito a Portugal e ao Brasil. Foi colaboradora de Roman Jakobson e é autora de muitos artigos, bem como escritora, tradutora e diretora de revistas. A sua *História da literatura brasileira* foi escrita primeiramente em 1972, para o público italiano, mas para a edição brasileira foi revista, atualizada e ampliada. Vale lembrar que esta história, pela sua reedição, é atualmente a única que apresenta ao final do seu volume uma sistematização histórica sobre a produção literária pós-60.

Dois olhares, duas leituras

Diríamos, *grosso modo*, que há menos pontos de convergência que de divergência. Elencaremos inicialmente, os aspectos que aproximam essas duas obras.

Ambos os autores comentam, criticam, analisam e exemplificam com trechos dos autores estudados. Um outro elemento de semelhança é que a escolha de autores é mais ou menos a mesma em ambos, do período colonial ao modernismo.

Há inúmeros pontos divergentes, mas devido ao espaço limitado que uma comunicação nos impõe, elegemos alguns, os que consideramos relevantes. O primeiro diz respeito à divisão dos capítulos. Na *História concisa da literatura brasileira* temos 582 páginas em 8 capítulos: "A condição colonial"; "Ecos do Barroco"; "Arquêdia e Ilustração"; "O Romantismo"; "O Realismo"; "O Simbolismo"; "Pré-Modernismo e Modernismo"; "Tendências contemporâneas".

Na *História da literatura brasileira*, de Luciana Stegagno-Picchio, encontramos 743 páginas distribuídas em 17 capítulos: "Caracteres da literatura brasileira"; "As 'grandezas do Brasil' e a catequese jesuítica"; "O Barroco brasileiro"; "O século XVIII: das academias barrocas às sociedades independentistas"; "O século

² Essa afirmação encontra-se na orelha do livro de ensaios *Céu, inferno*, de Alfredo Bosi, publicado pela Ática, em 1988.

XIX: Autonomia e independência"; "O século XIX: O grande Romantismo brasileiro"; "O século XIX: Sociedade e Realismo"; "O século XIX: Machado de Assis"; "A poesia do parnaso ao crepúsculo: Realistas e parnasianos"; "A poesia do parnaso ao crepúsculo: Simbolistas, neoparnasianos e crepusculares"; "A prosa do parnaso ao crepúsculo: Instinto de nacionalidade e literatura regionalista"; "A prosa do parnaso ao crepúsculo: Engajamento social e hedonismo verbal"; "O Modernismo: Os anos de vanguarda"; "Estabilização da consciência criadora nacional (1930-1945)"; "As letras brasileiras de 1945 a 1964"; "1964-1966: Dos anos do golpe ao fim do século"; "Teatro, música popular, cinema. A crítica. O "estilo brasileiro".

Percebe-se que a intenção da autora italiana foi dar preferência a "momentos", com capítulos curtos, fugindo assim dos modelos tradicionais dos manuais literários, mas guiada pelo fio cronológico.

Alfredo Bosi, por sua vez, divide a sua história literária de maneira mais geral e convencional, além de construí-la de acordo com a cronologia dos acontecimentos literários brasileiros.

Apesar de uma história ser mais tradicional (Bosi) e a outra menos convencional (L.S.P.), nota-se que Bosi é muito mais profundo, reflexivo e minucioso nas análises que antecedem os capítulos da sua história. Ele parte sempre de um estudo geral, analisando o panorama histórico, político, social, cultural, estético, literário, para o local até chegar às obras e autores. Basta ver, por exemplo, o capítulo dedicado ao Barroco, no qual faz uma análise do contexto europeu afirmando "seja qual for a interpretação que se dê ao Barroco, é sempre útil refletir sobre a sua situação de estilo pós-renascentista e, nos países germânicos, pós-reformista"³ para depois analisar "O Barroco no Brasil" até chegar aos autores e obras. Procede da mesma forma no capítulo dedicado ao Romantismo, pois começa com reflexões sobre os "caracteres gerais", "a situação dos vários romantismos", "temas", "o nível estético" até "o Romantismo oficial no Brasil. Gonçalves de Magalhães"⁴ e assim por diante.

Quanto à história de L.S.P., diríamos que ela é menos reflexiva, pois a sua preocupação não é tanto estabelecer relações entre o contexto europeu e o brasileiro, mas descrever os acontecimentos locais, tentando chegar ao "estilo brasileiro". Isso talvez se expli-

³ Ver BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1997, p. 33.

⁴ Ver BOSI, Alfredo. *Idem*, p. 99-113.

que pelo fato de ter escrito inicialmente a sua história para um público estrangeiro, pois afirma "no fim dos anos sessenta, quando foi escrita esta *História* que saiu em primeira edição em 1972 e que aqui aparece, depois de vinte e cinco anos, muito remodelada, além do que corrigida e atualizada, pareceu necessário salientar para o público italiano, primeiro destinatário do livro, um "estilo brasileiro" que definisse transversalmente todos os textos contemplados e justificasse a sua inclusão num conjunto de literatura "nacional"⁵.

Embora menos reflexiva a autora não descuidou dos aspectos históricos, culturais, sociais, etc. Ao contrário, percebe-se que Luciana domina como poucos a realidade sociopolítica nacional, mas que não a examina com intensidade em sua estratégia historiográfica.

Um outro ponto divergente que gostaríamos de salientar é o relacionado às fontes bibliográficas. Na *História concisa da literatura brasileira*, Bosi apresenta uma bibliografia geral, de apenas oito páginas ao final do seu volume. Ali Bosi nos informa que "a lista de obras que vai a seguir compreende apenas trabalhos de introdução à Literatura Brasileira e a seus momentos principais. Não me pareceu necessário alongá-la com títulos de ensaios específicos sobre gêneros e autores, pois estes já se acham consignados nas notas de rodapé com as devidas indicações bibliográficas".⁶

Diferentemente de Bosi, e conforme a tradição filológica italiana, L.S.P. não foge à regra e presenteia o leitor brasileiro e estrangeiro com uma rica, minuciosa e comentada seleção bibliográfica. A sua bibliografia aparece ao fim de cada pequeno ou grande capítulo e está atualizada até 1996, tendo sido recolhida em bibliotecas de Roma, Cambridge, Massachusetts, New Haven e Brasil. Além da bibliografia para cada capítulo, há também uma bibliografia geral já ao final do primeiro capítulo, contando 27 páginas, nas quais aparecem histórias nacionais e estrangeiras, revistas hoje esquecidas ou desaparecidas, repertórios bibliográficos etc.

Um outro elemento diferenciador dessas duas histórias literárias é que ao longo de sua leitura, percebe-se tenuemente e talvez não deliberadamente o discurso do colonizador em Luciana Stegagno-Picchio, sobretudo no primeiro, segundo e último capítulo da sua história literária, com o seu esforço em buscar e traçar o "estilo brasileiro" e por outro lado, em Alfredo Bosi, o discurso do

⁵ Ver STEGAGNO-PICCHIO, Luciana. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997, p. 700.

⁶ Ver BOSI, Alfredo. *Opus cit.*, p. 554.

colonizado, especialmente em relação ao primeiro capítulo da *História concisa da literatura brasileira*. Temos assim evidenciado o percurso do “nós” e o do “outro” e ainda, se quisermos, uma experiência intercultural, pois com a história literária de Bosi, nós nos observamos com os nossos próprios olhos e com a leitura que fazemos da história literária de Luciana Stegagno-Picchio, nós nos olhamos através do olhar do outro e com isso também descobrimos novos significados do modo de ser, pensar, agir, escrever.

Como curiosidade final, vale lembrar que, de modo geral, há uma tendência de historiadores literários falando da literatura do “outro” em ressaltar e valorizar autores que não são destacados pelos historiadores literários locais. Assim, ganham destaque autores como Jorge Amado, Dias Gomes, Paulo Coelho etc. ou, para sair das letras nacionais, temos o caso de Gabriel García Márquez e o destaque que a ele é dado em histórias literárias escritas por estrangeiros.

Conclusão

Depois dessa breve exposição, conclui-se que esses dois olhares na nossa história literária são importantes para os estudiosos da área, assim como para os leitores em geral, estrangeiros ou nacionais, pois é com a visão do diverso, do outro, do plural que teremos a possibilidade de ver a história literária do nosso país enriquecida, levando em consideração que o historiador é, antes de tudo, um selecionador de fatos.

Referências bibliográficas

- BELLINI, Giuseppe. *La letteratura ispano-americana. Dall'età precolombiana ai nostri giorni*. Milano: Sansoni, 1970.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 3. ed. 17. tir. São Paulo: Cultrix, 1997.
- . *Céu, inferno. Ensaio de crítica literária e ideológica*. São Paulo: Ática, 1988.
- CARPEAUX, Otto Maria. *História da literatura ocidental*. Rio de Janeiro: O Cruzeiro, 1959.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. *História da literatura brasileira*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1997.